



ISBOA, 8 de Maio de 1914

O CONSERVANTISMO DO CALHARIZ



O THALASSA:—Não vão na «teia» illustres correligionarios...

Rainha Augusta Victoria

O *Thalassa* honra hoje a sua pagina central com o retrato de Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria com o traje que lhe foi offerecido quando do Seu casamento, pelas senhoras e lavradeiras de Entre-Douro e Minho.

E' o unico retrato que existe de Sua Magestade trajando de lavradeira, tendo O *Thalassa* podido obtê-lo graças á gentilleza d'um amigo a quem muito nos apraz testemunhar aqui o nosso reconhecimento.

O traje de lavradeira foi entregue a S. M. Rainha, em nome dos subscritores, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Herminia Dias Ferreira de Magalhães e Menezes Villas-Bôas, gentilissima e illustre esposa do nosso querido e velho amigo, sr. João de Magalhães Villas-Bôas, exilado politico.

A mensagem que acompanhou a offerta, (encerrada na artistica arca de que publicámos a photographia no numero especial d'O *Thalassa* commemorativo dos esposaes de Sigmaringen) era do theor seguinte:

Prinçeza!

As mulheres do Norte de Portugal Vos enviam, Senhora, um traje seu.

Das lavradeiras da mais formosa provincia do Paiz é esse o vestir caracteristico. D'essas que, roparigas ainda, á sóga dos bois de lavoura, sabem revolver a terra e a cantar a vão tornando mais fecunda; d'essas que já mães, desveladamente preparam uma raça de fortes e a educam no culto de Deus e na lealdade ao seu Rei; d'essas que, quando velhas já, ao clarão das lareiras seguem perpetuando as tradições gloriosas e a poesia encantadora d'esta terra que é a vossa.

Vossa, Senhora, sim! Porque ao receber des este traje guardado das camponesas do Minho, Vós que o não conheceis, longinquamente haveis de recardal o! Vós que nunca o haveis visto, o reconhecereis!

E' a memoria do sangue que vos falla atravez das gerações!

E' a vossa Raça Patricia que se lembra que tambem é Portuguesa!

Parecia-vos extranho o traje e assim Prinçeza, já vos é familiar!

Podeis vestil-o, porque sendo muito vosso só bem vos poderá ficar e bom será que por aqui se saiba que o haveis vestido para que, no dia proximo em que pela vez primeira os vossos pés de Rainha piçarem por entre os vinhedos pujantes e os milheirões dourados, o solo leal d'estas provincias, essas mulheres que ora vos enviam um traje seu, possam, commovidas ensinar a dizer aos filhos pequeninos a saudação regional: «Louvado Deus e bendita a mais bondosa e linda lavradeira de Portugal!»

Porque, assim n'um futuro mais risonho, elles, esses lavradores honrados do dia de amanhã, Vos amarão como amam os bellos fructos da terra e Vos adorarão como adoram as boas Santas do Ceu!

Na algibeira característica do traje minhoto, lê-se a seguinte quadra:

Tu nasceste Portuguesa,
N'um alheio roseiral...
A rosa por natureza,
Quer terra de Portugal!

UM CASO BICUDO

Foi transferido para o Havre o sr. Mario Durand, consul do Perú.

Segundo se segreda nos meios diplomaticos, a esta transferencia não foi estranho o barbaro attentado de que foi victima a desditosa prinçeza Ocelia Amarú.

... Aquelle sr. Nônes ainda nos ha-de dar agua pela barba! Não lhe apertem o travão, e depois queixem-se!...

Questão dymnastica

Pretendeu levantá-la o sr. dr. Annibal Soares n'uma publicação semanal iniciada recentemente sob o titulo de *Chronica Politica*.

Prendem-nos ao illustre jornalista laços de velha estima e camaradagem entrelaçados na mais viva admiração pelo seu brilhantissimo talento, mas esta circumstancia não pode impedir que lamentemos a infelicidade do seu artigo epigraphado: *O pretendido accordo com o sr. D. Miguel*.

E' O *Thalassa* um modesto semanario, mas com orientação, principios e fins absolutamente definidos e assentes. Sabemos o que queremos, e esta razão nos basta para não ficarmos silenciosos perante as afirmações que a publico vieram n'A *Nação* e n'O *Dia*, sobre o escripto politico do sr. dr. Annibal Soares, acrescentando ainda motivos de coherencia, pois não é a primeira vez que em circumstancias identicas este jornal se vê forçado a emitir a sua opinião—opinião que sendo pessoal, traduz no entanto (podemos affirmar-o com orgulho) o sentir da maioria dos monarchicos portuguezes com quem temos vivido e soffrido dentro das fronteiras, ha perto de quatro annos todos as violencias, desillusões e esperanças que o ceu mais pardacento mas menos tempestuoso do exilio, não terá talvez deixado apreciar devidamente aos que longe se encontram.

O levantamento da questão dymnastica seria uma infantillidade se não fôsse um erro tremendo. Quem a provocar só pôde com essa attitude prestar um bom serviço... aos republicanos. Ninguém pode ter a minima duvida sobre o caso e se ha quem a tenha que veja como os jornaes da grei vermelha agarram soffregamente todos as deixas que possam traduzir qualquer divergencia d'opinões monarchicas, para as explorarem e acirrarem com as mais torpes calumnias.

Publicações recentes (porque parece que um vento mau passou sobre alguns cerebros illustres) tem dado logar a ignobes explorações dos republicanos que rubros d'entusiasmo batem palmas fazendo transcripções e pedindo... mais.

Estão, é claro, no seu papel.

Mas devem os monarchicos—e monarchicos de cathogoria—alimentar semelhante appetite?

Que responda a consciencia de todos os nossos correligionarios; e n'essa resposta encontrará o sr. dr. Annibal Soares a condemnação do seu artigo—como já a encontrou nos brilhantissimos artigos d'A *Nação* e d'O *Dia*, traduzindo cada um respectivamente o sentir dos partidarios dos dois ramos dymnasticos.

Não discutiremos agora as vantagens—as enormes vantagens—que adviriam para a causa monarchica d'um accordo completo e perpetuo entre El-Rei D. Manuel e seu Augusto Primo o Senhor D. Miguel de Bragança. E não as discutiremos por duas razões: para não provocar polemica da parte d'aquelles que pudessem vêr n'esta *deixa* um motivo para as suas divagações, nem sempre firmadas n'aquella opportunidade politica que seria para desejar e até para esperar da lucida intelligencia d'alguns articulistas; e porque ninguem com cinco réis de senso commum deixará de reconhecer essas vantagens quanto mais não seja em homenagem á velha maxima do *Borda d'Agua*, de que da *união nasce a força*.

Mas embora sem pretenções a discussão, diremos ainda e para finalizar, que foi injusto o brilhante jornalista dr. Annibal Soares, attribuindo aos legitimistas attitudes menos correctas, ou propositos menos desinteressados e patrioticos, quando os *factos*—e os *factos* são tudo—demonstram não só uma lisura de processos inexcusaveis como tambem a correção mais impecavel com prejuizo até dos seus proprios interesses partidarios.

Só existe um orgão do partido legitimista. Esse jornal é A *Nação*. Pois bem. Folhei-se a sua collecção e apontem o numero em que esse respeitabilissimo diário deixou de defender todos os monarchicos e com elles a *causa commum*, desde 5 d'outubro de 1910.

Muito poderíamos dizer sobre este assumpto e tudo quanto dissessemos só iria provar com *factos*, porque, repetimos, só de *factos* tratamos, relevantes serviços prestados pelos legitimistas á Monarchia que não pode ser restaurada como apeteça a este ou aquelle grupo mas como o paiz quizer, representado na sua Constituinte, que apenas tem de firmar-se nos principios basilares da causa para sobre elles construir um edificio todo novo.

Ha quem assim não entenda? Tanto peor para todos, porque hoje a politica monarchica apenas deve assentar n'este principio: *um por todos, e todos por um*.

E uma vez realisada a aspiração nacional então cada um

que escolha o melhor caminho que entenda dever seguir, conforme os dictames da sua consciencia e da sua intelligencia, depois do Paiz ter collocado todas as peças do machinismo nacional, no seu devido logar, a todos prestando justiça e a cada um reconhecendo os direitos a que tenham jus pelos seus serviços á Patria, pois da salvação da Patria se trata.



PARTIDO MONARCHICO

Transcreveu *O Dia* o artigo que sobre esta epigrapha publicámos no ultimo numero d'*O Thalassa* dando o seu applauso á doutrina exposta no *Partido Monarchico*. Agradecendo ao nosso eminente e prezado collega a honra da sua transcripção, foi com immenso orgulho que vimos a sua douta e valiosa opinião d'acordo com o que aqui escrevemos a proposito da organisação da politica monarchica.

Tambem o nosso amigo e brilhante advogado, sr. dr. José d'Arruella, em carta dirigida a *O Dia*, se mostra conforme a nossa maneira de ver sobre tão importante assumpto, o que registamos com immensa satisfação, agradecendo ao illustre director do *Diario do Manhã* as captivantes palavras que nos dirigiu a proposito do *Partido Monarchico*.

FACTOS MAIS NOTAVEIS

Allude ao espirito de união e de fraternidade que caracteriza a republica portugueza, sentindo-se plenamente satisfeito porque esse espirito confirma os nobres intuitos da campanha republicana. Não se fez a lucta pela lucta, mas sim porque era preciso terminar as divisões que separavam a familia portugueza. Foi para isso que a republica se implantou.

(Do discurso do sr. Bernardino Machado na sessão em homenagem ao sr. Embaixador do Brazil).

Eis alguns dos factos mais notaveis da fraternidade que caracteriza os nobres intuitos da republica portugueza:

- 1.º—Assassinato d'alguns padres nos dias da revolução;
 - 2.º—Perseguição com insultos e enxovalhos ás Irmãs da Caridade;
 - 3.º—Assalto official ás redacções dos jornaes monarchicos, *Correio da Manhã*, *Diario Illustrado* e *Liberal*;
 - 4.º—Expulsão do territorio portuguez de diversos politicos monarchicos;
 - 5.º—Espantamento nas ruas publicas, dos thalassas;
 - 6.º—Assalto aos Gentros Catholicos em diversos pontos do paiz;
 - 7.º—O assalto á redacção d'*A Palavra*, no Porto;
 - 8.º—Prisão de cinco mil pessoas, accusadas de conspiradores;
 - 9.º—Supplices no segredo do Limoeiro e Penitenciaria, aos presos politicos;
 - 10.º—Assalto ás redacções d'*O Dia* (por duas vezes), *A Nação* e *Universal*;
 - 11.º—O caso das coisas verdes do policia Ribas e do coleto de forças do campones de Cabeceiras de Basto;
 - 12.º—A prisão seguida de aggressão do general Jayme de Castro;
 - 13.º—O assassinato do tenente d'armada, Soares;
 - 14.º—O primeiro assalto a tiro (1913) ao theatro do Gymnasio, por ser a maioria da assistencia composta de monarchicos;
 - 15.º—A aggressão ao prior d'Alcantara, á porta da Havanza;
 - 16.º—O segundo assalto a tiro (1914) ao theatro do Gymnasio, quando ali se realisava uma festa de caridade;
 - 17.º—O assassinato do antigo guarda municipal, Ramiro Pinto;
 - 18.º—O assassinato do sargento da rua Victor Cordon;
 - 19.º—O assassinato do Torquato, d'Alcabideche;
 - 20.º—A embuscada de Loures;
 - 21.º—As aggressões no comicio catholico de Coimbra;
 - 22.º—As sovas de cavallo marinho, no Rocio, em homenagem á *Portugueza*;
 - 23.º—Os recentes tumultos no Porto, promovidos pelos formigas da cidade invicta;
 - 24.º—As buscas e devassas aos domicilios particulares. Etc., etc., etc.
- Ficamos hoje por aqui nas duas duzias, e tenham a certeza de que não demos nem a decima parte dos factos mais notaveis da fraternidade. Imaginem se fôssemos a mexer na liberdade e na igualdade!

São volumes! Mas lá iremos com vagar.

A Monarchia para breve . . .

Os seus trabalhos preliminares

A Monarchia assim que fôr restaurada tem de empregar os seus primeiros esforços em alguns urgentissimos trabalhos preliminares, antes de se dedicar aos graves e importantes problemas nacionaes. O Thalassa no intuito de facilitar essa tarefa registrará n'esta secção o que a Monarchia tem a fazer logo d'entrada para purificar o ambiente . . .

I



Desinfectar os gabinetes ministeriaes do Terreiro do Paço . . .

A NOVE . . .

O' Zé abre os olhos, e soletra devagarinho :

Do relatório da Junta do Credito Publico (1912-1913)—só agora publicado, consta o seguinte, sobre a situação da dívida consolidada interna (3 %):

30 de junho de 1910 (ultima gerencia monarchica), réis 533.709:277\$880. 30 de junho de 1913 (gerencia Affonso Costa) 565.208:676\$880 réis.

Augmento na dívida interna consolidada (3 %) em tres annos de gerencia republicana—31.499:399\$000 réis.
31.500 contos em tres annos!

Vá rapaziada! Viva o sr. dr. Affonso Costa! . . .

ALFAYATARIA DO «VIRA-CASACAS»

Por absoluta falta de espaço só no proximo numero pudermos publicar a nossa antiga secção da *Alfayataria Nacional dos Vira-Casacas* com as ultimas novidades da estação.

ACABEM COM ISSO

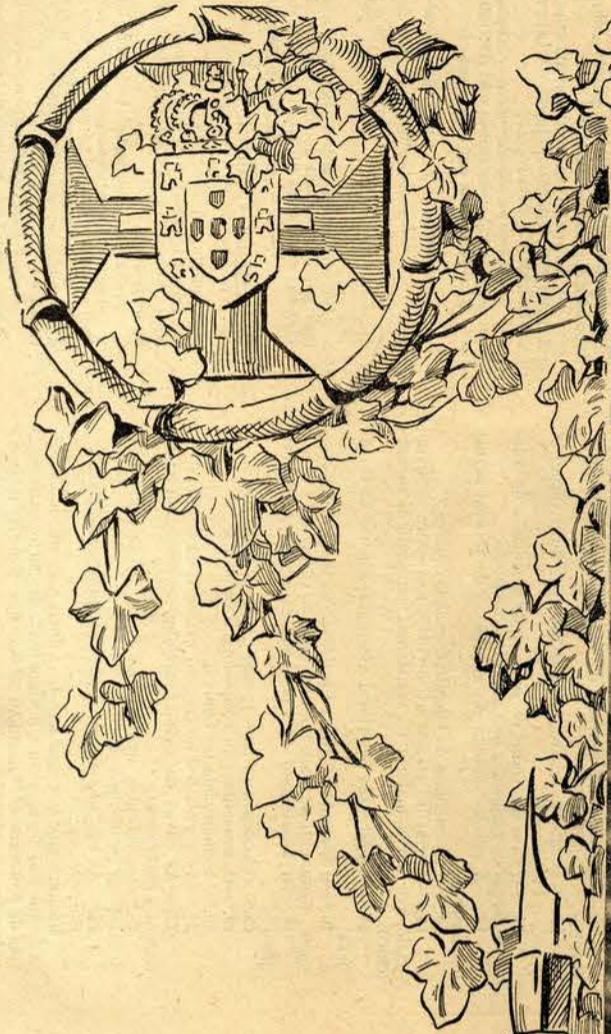
Annunciam as gazetas que o Congresso vae reunir brevemente para tractar de duas questões importantissimas (para elles, é claro): a revisão constitucional e a fixação do termo da legislatura.

É diz então um jornal, prevendo borrasca:

«Das reuniões do Congresso até agora celebradas, nenhuma teve a extraordinaria importancia que esta vae ter, havendo já quem lhe preveja alguns dias de duração e quem vaticine que, n'esse magno conclave parlamentar occorrerão episodios importantes.»

Temos fróternidade grossa, pela certa. Tambem o unico serviço que elles poderiam prestaro a paiz era acabarem-se mutuamente.

Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria



J. Golke

Trajando á móda do Minho
(Retrato inédito)

QUADROS DA MINHA TERRA

I

A familia Silverio

A familia Silverio compõe-se de pae, mãe, dois filhos, (a Tátá e o Flaviano) e uma tia solteira que tem pensão do Monte-pio geral e uma morada de casas na Graça.

Habitam no bairro Andrade no segundo andar d'um prédio d'azulejos verdes, muito lavado d'ares, com duas sacadas e uma janella de peitos, sobre a rua.

A familia Silverio é muito considerada no sitio desde que uma tarde, quando a visinhança se encontrava nas janellas reunida em assembleia geral da coscovilhice, foi visitada por um sujeito baixo de pera e lunetas que se apeou d'um automovel com *chauffeur* agalado a ouro.

—Estão muito bem relacionados!—affirmou logo a D. Vicencia, da cave, para a esposa do merceeiro defronte.

—Quem será o figurão?

—Eu só o vi de relance, mas ia jurar que era o sr. Affonso Costa.

—Ai! D. Vicencia, veja se sabe, sim?

A D. Vicencia foi vér se sabia, correndo n'um pulo á varanda da cozinha.

—O' D. Olympia! D. Olympia!

A creada da familia Silverio, arremangada até aos sovacos appareceu no postigo da pia, areando uma cafeteira.

—A senhora está na sala com visitas —berrou a moçoila debruçando-se no peitoril.—Quer que *la vá* chamar?

—Ai! eu não sabia menina Rosa. Provavelmente é pessoa de cerimonia...—começou investigando a D. Vicencia.

—Não sr. é dos *Brazules*. E' o padrinho da menina.

—Ah! Olhe lá ó menina Rosa, e tem *milho*, hein?

A creada deu tres estalinhos com os dedos engurdorados, em signal de confirmação, e a D. Vicencia correu a comunicar á D. Julia, da mercearia, os resultados do seu inquerito.

—E' um brasileiro, padrinho da pequena. Tem *massa* como burro.

—Bravo! Bravo! —e metendo-se para dentro, a D. Julia, informou o esposo—O' Bento, olha a D. Vicencia já sabe quem é o do automovel. E' um brasileiro, padrinho da pequena que tem minas d'ouro.

O Bento arrotou com satisfação e foi *salgar* mais os creditos da familia Silverio.

O padrinho da Tátá não voltou a apparecer, mas a consideração pela familia Silverio ficou estabelecida no bairro, desde a sua apparição no automovel.

Sempre que a D. Olympia entrava ou sahia, a visinhança cumprimentava-a respeitosa, em homenagem ás minas e ao *chauffeur* agalado a ouro.



A's quintas feiras o segundo andar illuminava-se com mais esplendor. Eram as noites dos serões com assistencia das do major e das Matos Arneiros.

A's 8 horas começavam a chegar, as meninas saltitando lepidas com os embrulhinhos dos bordados, as mamãs e as tias trotando incertas offegantes, com o abdomen e esticar no espartilho.

Gralhavam muito na escada que a Rosa illuminava impertigada no seu avental gomado com largas pontas bordadas.

A Celeste Arneiro era sempre a ultima a entrar para poder lançar um sorriso ao Armenio, cadete da escola de guerra esguio e frunculoso que *tangava* na perfeição e recitava o *Vento* imitando o actor Augusto Rosa.

Reuniam-se então todos na casa de jantar, em volta da mesa larga.

—Ai! D. Olympia, hoje estive para não vir. Agravou-se-me o callo...—gemeu dorida a do major.

—Crêdo, que susto, coitada! E como se assanhou o gallo?—perguntou espevitada a tia Silverio que era surda como uma porta e estropiava tudo.

—Não foi gallo, foi callo, D. Conceição—berrou a mãe Arneiro.

As meninas no quarto da Tátá tiravam os abafos fazendo confidencias.

—Ai filha, deixa-me chegar n'um pulinho á janella para dizer adeus ao Armenio, sim?

—Ora essa! A' tua vontade.

As outras ficavam cortando-lhe na casaca.

—Eu francamente não sei por onde ella lhe pega.

—Só se fôr pelo nariz. Tem uma batata, credof!

E riam muito, troçando do Armenio e da Arneiro que, debruçada da janella da sala guinchava segurando os chischis por causa do vento.

—A' meia noite, ouviste?

—Não posso hoje. Não tenho dispensa do recolher.

—E' sempre assim. Quando eu te peço qualquer coisa das sempre desculpa.

—Juro-te Celestinha que não é desculpa. Não pude arranjar licença.

E o Armenio enterrando mais o barrete bulgaro para o Bento da mercearia lhe não vér o rosto, deduzia razões de pezo demonstrando a impossibilidade de estar á meia noite.

De volta da mesa do jantar o serão proseguia.

A D. Olympia ia já no quinquagessimo quadrado da colcha de lã, trabalho iniciado havia dez annos e interrompido durante seis mezes em signal de saudade, quando o Silverio foi transferido por urgencia de serviço para a alfandega do Porto.

A colcha era um mimo de complicação. Cada quadrado representava um bicho, rematado n'um dos cantos por uma flor.

Tinha sido projectada ainda em solteira quando pela primeira vez encontrou o Silverio. Era um domingo. A D. Olympia tinha então 29 annos e as derradeiras esperanças do casamento. Ia a entrar no Jardim Zoologico quando viu o Silverio muito apurado no seu frak preto com um collete branco onde um veado de ouro de enormes chavelhos affirmava bom gosto e pé de m...ia.



Olharam-se. Ella seguiu

para os macacos; elle foi até aos ursos. Ao fim da tarde, defronte da gaiola das aráras, tornaram a encontrar-se de novo. Um dos bichos estendeu o bico tentando morder a seda verde do chapéu da D. Olympia. O Silverio, heroico castigou o animal. Tornaram a olhar-se, e o papá da D. Olympia foi agradecer «o acto nobre do generoso desconhecido».

—Lourenço Augusto Silverio, da Alfandega, explicou o futuro esposo da D. Olympia, cumprimentando com requebros.

Trocaram-se bilhetes, e na noite seguinte a primeira carta d'amor. Um anno depois casavam, e passados dezoito mezes a Tátá e o Flaviano, augmentavam a familia.

—O rapaz ha-de ser o *ponto final*—declarou solemne o Silverio.—Assim não pode ser. Nesta porporção fico com um regimento de filhos.

Mas passados dez annos, uma tarde a D. Olympia annunciou ruborisada, que desconfiava que o *ponto final* tinha apenas... sido uma virgula.

O Silverio berrou, o gato assanhou-se e D. Olympia assustada desmaiou... e não houve mais nada.

Mais uma vez os *bichos* tinham tido uma influencia decisiva na sua vida. Pensou então em symbolisar a sua gratidão n'uma peça caseira em que a arte e a utilidade se entrelaçassem mimosamente; e a colcha foi iniciada.

(Continúa).

Este numero d'«O Thalassa contem» 10 paginas de texto.

PORQUE ESPERAM?

Ao nosso prezado collega *O Dia* agradecemos muito penhorados a transcrição do artigo de fundo do ultimo numero d'«O Thalassa», intitulado: *Porque esperam?* e as captivantes palavras com que nos distinguui.

LEIAM TODOS!...

Estão já no correio os recibos da ultima cobrança, que nos foram devolvidos. Aos nossos prezados assignantes rogamos o favor de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, pois de contrario vér-nos-hemos forçados a suspender a remessa d'O Thalassa.



Album dos presos políticos

IX

1.º—**F. JOSÉ ANTONIO D'ABREL**.—Digno parcho de Torres Novas e um dos sacerdotes mais illustados da sua diocese. Preso a 14 de julho de 1912 por ser accusado de conspirar, e conduzido para Evora onde fez uma dolorosa pervergrinação por todas as prisões da cidade. No acto da prisão e no trajecto para o quartel de infantaria 11 foi barbaramente espancado, por se recusar a beijar a bandeira republicana. Na estação de Casa Branca aggreiram-no novamente chegando a rasgar-lhe por completo o fato que vestia. Posto em liberdade depois de larga incommunicabilidade sem culpa formada, novamente o prenderam, processando-o por transgressões a lei da separação. Absolvido ainda, foi mais uma vez processado por lhe encontrarem um revolver em casa, *crime* este que lhe valeu listante tempo de prisão correccional. Foram seus advogados, respectivamente no 1.º e 2.º julgamento, os srs. drs. Domingos Pinto Coelho e José Manuel Alvares.

2.º—**ANTONIO MARIA V. VELLOSO**.—Preso em Evora a 10 de julho de 1912 por ser accusado

de fazer parte do *complot* d'aquella cidade onde esteve incommunicavel durante 42 dias. Julgado no tribunal marcial que o condemnou a 20 mezes de prisão correccional e igual tempo de multa a 100 réis diarios. Advogado: officioso.

3.º—**RAUL J. TORRES DE NORONHA E CRUZ**.—Ex-empregado publico. Condemnado, por ter feito parte das forcas realistas, a 6 annos de prisão cellular seguidos de 10 de degredo, na alternativa de 20. Esteve no Limoeiro, na Trafaria e na Penitenciaria, sahindo em 9 d'outubro de 1913.

4.º—**JOSE D'ALMEIDA**.—Ex-primeiro cabo de lanceiros e ex-agente da policia judiciaria do Porto, lugar de que foi expulso por ser accusado de conspirador. Do Aljube, no Porto, foi removido para bordo do S. Gabriel e d'ali novamente para a enxovia portuense onde esteve até 24 de dezembro do mesmo anno. Preso ainda em setembro e novembro de 1912 sendo julgado no tribunal marcial de Coimbra que o absolveu apóz 45 dias de incommunicabilidade e alguns mezes de Penitenciaria.

Homenagem a Moreira d'Almeida

Conforme tínhamos anunciado, a inscrição para o finteiro de homenagem ao eminente director d'*O Dia*, terminou no passado dia 2, continuando *O Thalassa* a inserir as listas que lhe tem sido remetidas. Rogase a todas as pessoas que ainda tenham algumas em seu poder, a fineza de as enviarem com a maior brevidade para a redacção d'este jornal, rua da Rosa, 162, 1.º D.

Lisboa e redacção d'*O Thalassa*, 8 de maio de 1914.

A COMMISSÃO,

Conde de Sabugosa.
Conde de Tarouca.
Marquez de Ficalho.
João Costa.
Jorge Colaço.
E. Severim de Azevedo (Crispim).

Transporte.	
J. B. C. M.	788\$540
Dr. Luiz de Paiva Raposo Villar—Oihalvo.	2\$000
Alvaro Ferreira Roquete	1\$000
Antonio Martins Vidgal Salgado	5\$000
D. João d'Alarcão	5\$000
Dois thalassas da Horta	5\$000
Mathias Sanches.	1\$000
Um admirador—Faro	\$600
Lista n.º 10—Braga	1\$000
Domingos José dos Santos Leite—Aveiro	25\$500
José Francisco Correia—Evora	1\$000
Benito Abel Alves de Brito—Vianna dos Castello.	\$500
Lista n.º 11—Funchal	\$500
A. X.—Lisboa.	12\$000
A. S. P. M.—Lisboa	5\$000
A. B.—Lisboa.	2\$500
M. F. C.—Porto	5\$000
A. Amorim—Lisboa.	\$500
Francisco de Barros F. C. Teixeira Homero—Chaves	2\$000
F. Perfeito de Magalhães (filho)—Lugo-Galliza	2\$400
R. do Amaral—Lisboa	\$500
Francisco Antonio da Silva—Alvito.	\$200
Raphael Baptista Nobre Sobrinho—Coimbra	\$500
S. S. (A.)	\$500
D'uns thalassas em Folques	1\$400
Lista n.º 12—Lisboa.	34\$500
Lista n.º 13—Lisboa.	6\$700
Carlos Augusto Vieira S. Mattos.	2\$500
Lista n.º 14—Lisboa.	46\$000
Lista n.º 15—Lisboa.	3\$500
Lista n.º 16—Lisboa e Figueira	30\$000
Lista n.º 17—Producto de uma subscrição aberta pelo semanario monarchico de Arcos-de-Val-de-Vez <i>O Concelho</i>	24\$900
Manuel Mendes Gaspar	\$500
João Franco Monteiro—Lisboa	2\$500
Lista n.º 18—Abrigada	1\$500
Fonseca, admirador do sr. Moreira d'Almeida	2\$000
Julio Alves—Lisboa	1\$000
Carolina P. da Cruz da Rocha Peixoto	\$500
Maria Emilia da Rocha Peixoto	\$500
A. C. R. P.	1\$000
Maria, admiradora do distincto jornalista—Lisboa.	1\$000
A. S. de Ségurim—Lisboa	1\$000
D. Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos—Liège.	\$500
Jorge de Mendonça—Paris.	10\$000
Monsenhor Joaquim Gomes de Jesus (registorador da Nunciatura Apostolica)	\$500
José Lourenço da Costa, ex-empregado da Casa Real	\$500
Dr. M. V. d'Armelim Junior—Lisboa.	2\$500
Abilio Augusto Alves—Lisboa	\$100
Fritz Pressler—Lisboa.	2\$500
Eduardo Sequeira—Porto	1\$000
Germano da Silva—Lisboa	1\$000
Visconde de Sorraia—Lisboa	10\$000
Jorge Manuel R. Peixoto	\$500
Um antigo deputado regenerador	1\$500
A transportar.	1.060\$840

Lista n.º 10—Um admirador de Moreira d'Almeida, 1\$000. Uma formosa donzella thalassa, 500. Um anonymo, 100. Augusto Gomes da Costa, 1\$000. Um monarchico sincero, 300. Um admirador do director d'*O Dia*, 200. Joaquim Luiz Gomes Moreira, 1\$000. Antonio Rodrigues Junqueira Junior, 500. A. S. C., 200. Um anonymo, 200. José Joaquim Pinto, abhade de Nogueira, 500. Antonio José Marques Gomes, 500. Luiz de Vasconcellos Carvalho Almeida, 200. Antonio Araujo Torres, 500. José da Costa Junior, 500. Adriano Araújo, 500. J. Augusto Rodrigues, 400. Fernando Morgado, 500. Padre Antonio de Souza Monteiro Airão Guimarães, 300. D. J. de S. Gomes, 500. Antonio Maria da Cunha Barbosa, 500. Esperança, 500. Antonio Pinto, 500. João Pereira de Castro, 500. Domingos Alves Teixeira Fanzeres, 500. Joaquim A. P. Vellez, 500. Um thalassa, mais thalassa que o proprio Thalassa, 200. Um thalassa de antes quebrar que

torcer, 100. Padre Clemente de Campos A. Peixoto, 500. P. Antonio José de Carvalho, 100. Joaquim Cruz, 300. Julio Guimarães, 500. Mattos Graça, 500. Borbis, 500. Leopoldo de Sousa Machado, 500. Francisco José Pimenta, 500. Antonio da Costa Gomes, 600. Um anonymo ta..., 500. Francisco Fernandes Alves da Silva, 200. P. Domingos Duarte da Cunha, 500. Dr. Nuno Freire (Real), 500. Anonymo, 500. Um thalassão, 1\$000. José Maria d'Araujo Braga, 300. Uma monarchica, 500. Celestino Fernandes da Silva, 200. José Joaquim de Souza Magalhães, 200. Anonymo, 100. Anonymo, 200. Joaquim da Silva t ampos, 500. Um thalassa que espera a restauração, 500. Um monarchico, admirador de Moreira d'Almeida, 500. Antonio José da Silva Gomes, 2\$000. Anonymo, 100. Antonio Fernandes Lages, 500.—Total 25\$500 réis.

Lista n.º 11—Jayme Polycarpo d'Abreu, 1\$000. Manuel Luiz Vieira, 500. Alexandre E. Saesfeld Pereira 500. Eduardo Alcantara Rodrigues, 500. Jayme Caldeira, 500. José Jardim de Azevedo, 500. Antonio Gomes Jardim Junior, 500. Antonio S. Vasconcellos, 500. Dr. Carlos de Bianchi, 600. Anthero d'Ornellas Vasconcellos, 500. J. Lino Ribeiro, 1\$000. José Augusto dos Santos Junior, 500. João Frederico Rego, 500. Vasco Thaumaturgo Teixeira Boria, 500. Antonio d'Andrade, 500. José Eduardo Fernandes, 500. Henrique Tristao Bettencourt da Camara, 500. Tristão Pedro de Bettencourt da Camara, 500. João Eluterio Cunha, 500. João José Freitas Belmonte, 500. Joaquim Fernandes Camacho, 500. Julio G. Barros, 500. Total 12\$000 réis.

Lista n.º 12—D. Antonio Maria de Lancastré, 5\$000; D. Beatriz de Lancastré, 2\$500; D. João de Lancastré, 2\$500; Conde de Castello Mendo, 1\$500; Condessa de Castello Mendo, 1\$000; Thalassa M. A., 1\$500; Alberto Carlos de Lima de Souza Rego, 1\$500; Cecilia Pinto da Fonseca de Sousa Rego, 1\$500; Vasco de Souza e Vasconcellos, 1\$500; P. D., 1\$000; Mario Greenfield de Mello, 1\$500; Margarida Greenfield de Mello, 1\$000; Eduardo Mdarbug, 1\$000; Ernesto da Costa Cortez, 1\$000; Joaquim Lirnaz de Castro, 500; F. A. Campos, 500; Um admirador, 5\$000; D. Fernando de Lancastré, 2\$500; José de Pontes Ferreira de Mesquita, 1\$500. Rodolfo Madeira Alves, 500.—Total 34\$500 réis.

Lista n.º 13—A. C. M. J., 100; Conde d'Avillez, 500; S. C. D. M. L., 300; A. D. O. P., 100; F. G. D., 100; M., 100; J. B. da S. Q., 100; C. Caterid, 100; J. B., 100; J. M. R. M. C., 100; S. C., 100; Anonymo, 300; A. Pedroso Gomes da Silva, 200; A. Silva, 100; A. C. M., 100; J. M., 100; J. A. T. G., 100; J. B. R. 100; Lia Achaioli, 500; Anonymo, 50; Francisco Martins Carneiro, 500; A. S., 50; A. Santos, 100; Anonymo, 200; M. P. Fernandes, 300; Anacleto de Oliveira, 500; Jorge d'Avillez, 100; Antonio R. S., 100; Anonymo, 500; Fernandes, 100; A. C. W., 100; Eduardo da Cunha e Costa, 500; Anonymo, 100; L. M., 100; Larry, 100; Rolla, 100. Total 6\$700 réis.

Lista n.º 14—Condes de Seisal, 2\$000; Um constante leitor do *O Dia* que não pretende apanhar 3 dias de prisão, 5\$000; Carlos Nunes Teixeira, 5\$000; Thomaz de Matta Dias, 5\$000; Condes de Monte Real, 10\$000; J. Thompson, 2\$000; Carlos Sobral, 2\$000; Conde do Paço do Lumiar, 5\$000; José Luiz de Saldanha Oliveira e Souza, 1\$000; João de Saldanha Oliveira e Souza, 1\$000; Jacob Abecassis, 5\$000; João Martins, 1\$000; Antonio Roquette, 1\$000; João de Saldanha Ferreira Pinto, 1\$000.—Total 46\$000.

Lista n.º 15—Um grupo de officias thalassas, 2\$200; Vasco A. Gusmão, 200; D. Isabel Maria Valente, 200; D. Camilla Eugenia da Silva, 200; D. Anna da Conceição, 200; M. de Chaves, 500.—Total 3\$500 réis.

Lista n.º 16—Augusto Ribeiro, 1\$000; V. Maiorca, 1\$000; A. Sousa, 1\$000; Antonio Tinoco, 1\$000; Manuel Paiva, 1\$000; Gustavo Ferreira Borges, 1\$000; Antonio de Mello Campello, 1\$000; José d'Almeida, 1\$000; A. Duarte Silva, 1\$000; J. Magalhães, 1\$000; Fernando Cortez, 1\$000; José Jardim, 1\$000; Antonio Rainha, 1\$000; Antonio Gonçalves, Presidente da Camara da Figueira, 1\$000; Alfredo F. Pinto Bastos, 1\$000; Manuel Lopes Vicente, Prior de Ferreira, 1\$000; Antonio dos Santos Rocha, 1\$000; Nestor Silva (?), 1\$000; Fernando C., 1\$000; D. Julia C. L., 500; Henrique Mendes Ramos, 500; José Antonio, 200. Um neto d'um revolucionario, 500; Um Fulano, 200; L., T., 500; Alberto Bastos da Costa, 500; Manuel Augusto Pereira da Costa, 500; Gonçalo Christovão de Meirelles, 1\$000 Luiz Meirelles, 500. Antonio d'Azevedo, 5\$000. Joaquim Jardim, 1\$000.—Total 30\$000 réis.

Lista n.º 17—*O Concelho*, 5\$000. Narciso Marçal Durães de Faria, 5\$000. José Sottomayor, 2\$500. Adriano Teixeira Cardoso, 500. Dr. Silvestre Saraiva, 1\$000. Eduardo Antonio da Rocha, 200. Francisco Teixeira de Barros Lima, 1\$000. Eduardo José de Sousa, 500. Dois thalassinhas, 200. Armindo Luiz Vieira, 500. Um camarista, 500. Padre Fiel Regueira, 500. Dr. Antonio Faria, 2\$500. Padre Armando R. Gomes, 500. J. L., 1\$500. Joaquim G. da Costa, 500. Um thalassão, 500. Acindino Borges, 500. Um monarchico, 500. Um empregado publico, 500. Abade de Paço, 500. Total 24\$900 réis.

Lista n.º 18—Antonio da Cunha Mascarenhas, 500. Ernesto Herculano de Mendonça e Silva, 500. Gregorio de Mendonça e Cunha Abreu Peixoto, 500. Total 1\$500 réis.

Este numero d'*O Thalassa* contem 10 paginas de texto.

Aos nossos agentes... "rebeldes"

Pela ultima vez, prevenimos os srs. agentes cujas liquidações estão em atraso, de que, do proximo numero em diante lhes suspenderemos a remessa d'O Thalassa, depois de feito o respectivo aviso nos jornaes de Lisboa, caso, até ao dia 12 do corrente não se resolverem a saldar os seus debitos. Custa-nos muito adoptar esta resolução, mas O Thalassa vive dos recursos proprios e não é remetido senão a quem o pede, e portanto, se obriga a pagá-lo.

Alem d'isso temos, mercê das dedicações de muitos amigos, quem nos garantam o pagamento dos jornaes que remetemos para as localidades onde os actuaes agentes não prestam contas, e por isso, seria demasiada benevolencia estarmos a dar de mão beijada o que nos custa dinheiro, e a quem, nem sequer nol-o agradece.

VANTAGENS...

Muita coisa interessante veiu a publico sobre a formiga branca, com o celebre discurso do sr. coronel Silveira, antigo commandante da policia. Assim, por exemplo, ficou-se sabendo que o mano Daniel tinha dado as seguintes instrucções:

1.º Que a policia civica prestasse sufficiente auxilio aos portadores de certos bilhetes especiaes, por elle, Daniel Rodrigues, passados a incertos individuos encarregados da vigilancia politica e da repressão do jogo de azar;

2.º Que, se algum d'esses individuos fosse detido por delicto ou abuso cometido no exercicio da sua missão, fossem considerados para todos os effeitos como agentes da auctoridade, resolvendo-se quaesquer duvidas em face do registro secreto que elle, Daniel Rodrigues, tinha no seu gabinete;

3.º Que fossem expulsos da policia todos os guardas que se recusassem a auxiliar ou reconhecer os portadores dos taes bilhetes de identidade.

Que pena não ter lá estado mais tempo! Ao menos fazia-se a separação completa. As pessôas de bem, todas na cadeia; os malandros, á solta. E isto evitava esta cordeal promiscuidade em que actualmente estamos vivendo.

Tudo tem as suas vantagens. Até os manos Rodrigues.

Documentos interessantissimos

Sobre politica republicana

No proximo n.º d'«O Thalassa»

OS DOIS RIVAES



O Minimax extintor d'incendios e o Bernardinimax extintor do decoro politico...

Capas e collecções d'«O Thalassa»

Vidé 2.ª pagina d'annuncios na capa d'«O Thalassa» d'hoje.

Carbonaria? Nunca a vi.

Disse o sr. Bernardino Machado

Lêr a este respeito o proximo numero d'O Thalassa.

COMEDIA QUE DESFECHA EM TRAGEDIA

Na freguezia d'Oliveira do Bairro, estabeleceram-se, ha perto de um anno, uma cunctal, que, organizada por elementos manifestamente hostis á religião, começou logo por guerrear o parcho, a ponto de este ter de limitar-se a rezar missa n'uma capella particular, visto que todos os santuarios da freguezia, com a igreja matriz, lhe foram trancados.

O rev.º prior lá tem ido vivendo, hostilizado sempre por meia duzia de desordeiros libertarios que são os mandões cunctalistas; lá tem ido vivendo, dizia-mos, tendo a animal-o a grande força moral dos crentes que são todo o povo, o qual, á uma, deixou de ir á egreja logo que a chamada cunctal a profanou.

Ora no dia de Paschoa, o rev.º prior foi fazer a visita aos seus freguezes, como de costume, abstando-se de entrar somente nas casas de cunctalistas e de casados apenas civilmente.

Havia gentinha, que, não tendo firmado os estatutos da cunctal, tinha concorrido nos primeiros domingos aos actos celebrados pelo triste padre cunctalista; mas estas, declararam mais tarde que só por ignorancia o tinham feito, e o rev.º prior, usando da espirital caridade christã, que é tolerante no sentido razoavel e justo, visitou tambem essas familias que não podiam até então ser julgadas cunctalistas pelo facto simples de haverem assistido a actos scismaticos, visto que depois se abstiveram, confessando-se ignorantes do mal feito.

Sucedeu porém que os excluidos da visita do prior, despeitados, convidaram o padre cunctalista para ir a sua casa, e fizeram com que outras familias, das acima mencionadas, o recebessem tambem. Seria uma segunda visita, ou, como o povo, diz uma comedia, visto que o faziam tão sómente por odio, por despeito, sem sombra alguma de fé.

Para dar maior estrondo á supposta vingança de taes sugeitos, houve foguetorio de varios preços, até o chamado de dynamite. Sucedeu porém que um dos mais desvairados pelo despeito vingativo, querendo ser o mais activo na desforra, escolheu o papel de fogueteiro. E quando aticava um dynamite, este, não subindo, estorrou-lhe na mão, esfacelando-l'ha e ferindo-lhe a cara e os olhos.

Um desfecho tragico.

Isto succedeu no domingo de Paschoela.

Este numero d'O THALASSA contem 10 paginas de texto.

Usem a Agua do Mouchão da Povoia
No tratamento das doenças de pelle.

Theatros

TRINDADE—Agradou em cheio a linda operetta *Emfim sós!* estreada ha dias e que está fazendo um verdadeiro successo. A applaudida peça está posta com extraordinario luxo de *mise-en-scene* e o desempenho é primoroso por parte de todos os artistas alguns dos quaes tem na *Emfim sós!* trabalhos admiraveis de arte.

GYMNASIO—Vae de vento em pópa a magnifica peça *Mariabas*, de Mendonça Alves. O Gymnasio tem todas as noites enchentes colossaes e o publico não se cansa de applaudir a primorosa peça que é sem exaggero o mais justificado acontecimento theatral da actualidade.

APOLO—Continua com enchentes successivas a revista *De capole e lenço*, que brevemente sahira do cartaz para dar lugar a *D'alto a baixo* cuja estreia se annuncia para muito breve.

COLYSEU DOS RECREIOS—Interessantissimos os espectaculos pela companhia lyrica, da qual fazem parte verdadeiras notabilidades vocaes.

A celebre cantora Hanielcé Darclée, que já cantou no nosso Theatro de S. Carlos, chega brevemente á Lisboa, onde vem tomar parte em 3 unicas recitas, estreado-se com a conhecida *Tosca*, partitura que foi escripta para esta distincta artista pelo grande maestro Puccini.

Animatographos, os melhores e melhor frequentados:

Terrace—Rua Antonio Maria Cardoso. —**Olympia**: Rua dos Condes. —**Salão da Trindade**: Rua da Trindade. —**Central**: Avenida da Liberdade.

Venda por grosso e a retalho



Para liquidar cordealmente...